



O sonho como objeto sociológico

The dream as a sociological object

Bernard Lahire

Professor de Sociologia na l'École Normale Supérieure de Lyon (Centre Max-Weber) e membro sênior do l'Institut Universitaire de France.

Tradutor:

Adriano Nunes

Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

E-mail: placido.adriano@hotmail.com

Organizador:

Cristiano das Neves Bodart

Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Centro de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

E-mail: cristianobodart@gmail.com

Resumo

Este *paper* traz algumas reflexões em torno do sonho enquanto objeto sociológico, apresentando-o como resultado de incorporações das estruturas do mundo social, aos quais o sonhador experimenta enquanto está acordado. Trata-se de uma reunião de reflexões compartilhadas em duas entrevistas ligadas ao livro "La Part Rêvée: l'interprétation sociologique des rêves, volume 2" (2021). São apresentadas reflexões em torno do lugar dos sonhos na Ciências Humanas, as possibilidades de análise sociológica e alguns breves exemplos de exames dos sonhos.

Palavras-chaves: Sociologia. Teoria disposicionalista. Sonho.

Abstract

This paper brings some reflections around the dream as a sociological object, presenting it as a result of incorporations of the structures of the social world, to which the dreamer experiences while awake. This is a meeting of shared reflections in two interviews linked to the book "La Part Rêvée: l'interprétation sociologique des rêves, volume 2" (2021). Reflections are presented about the place of dreams in the Human Sciences, the possibilities of sociological analysis and some brief examples of dream examinations.

Keywords: Sociology. Dispositionist theory. Dream.

Introdução¹

A artesanaria sociológica caracteriza-se pela capacidade de tomar fenômenos “naturalizados” ou “não sociologizados” e analisá-los a partir de um arcabouço teórico-metodológico das Ciências Sociais, extraindo deles, de forma criativa, explicações antes impensadas ou não percebidas. Se antes os sonhos eram de domínio exclusivo da psicanálise e da teoria freudiana, há algum tempo tornou-se agenda de alguns sociólogos. No Brasil, Roger Bastide, Florestan Fernandes e José de Souza Martins, talvez sejam os sociólogos mais conhecidos a ousar a considerar esse objeto no campo sociológico. Em síntese, Bastide (1972) buscou compreender como os sonhos estavam relacionados ao grupo social/cultural que o sonhador pertencia; Florestan (1961) procurou entender como as pessoas interpretavam os seus sonhos e; Martins (2008), buscando ignorar Freud, e seguindo as trilhas deixadas por Bastide e Florestan, também fez o exercício de compreender como os sonhos eram interpretados pelos sonhadores. Na França, os sonhos vêm sendo objeto privilegiado do sociólogo Bernard Lahire, que considerando socializações duráveis e incorporadas chama a atenção para o fato de que nossos sonhos são estruturados pelas estruturas sociais. Logo, examinar sociologicamente os sonhos seria um caminho promissor para compreender as estruturas sociais e os processos de socialização em que os agentes sociais estão imersos.

O texto, que segue, apresenta uma organização de trechos de duas entrevistas dadas por Bernard Lahire a respeito do seu segundo volume da obra “L’interprétation sociologique des rêves”. O primeiro volume foi publicado em 2018 pela editora La Découverte, contando com exatas 487 páginas. Ao longo da obra, Lahire explica como o sonho – recorrentemente tomado como um fenômeno individual e íntimo – é também um fenômeno intrinsecamente social; portanto, devendo ser considerado objeto sociológico. Essa demonstração, diferentemente da proposta de Martins (2008), dá-se em aproximação com a psicanálise. A partir de uma Sociologia disposicionalista-contextualista, apresenta uma síntese metodológica, expondo caminhos para recolher e analisar relatos de sonhos a fim de captar aspectos da estrutura social incorporados no sonhador. Se o primeiro volume da obra é marcado pela densidade teórico-

¹ Introdução produzida pelo organizador e avaliada pelo autor.

metodológica, o segundo é analítico, no qual traz o material coletado, vários relatos de sonhos e suas interpretações sociológicas.

O segundo volume foi publicado em 2021, também pela editora La Découverte, contendo 1209 páginas. É sobre questões presentes nesse segundo volume que este *paper* foi organizado, sendo resultado de duas entrevistas que foram traduzidas diretamente do francês e organizadas a partir das temáticas tratadas. A permissão para a tradução e organização de suas falas foi concedida por Bernard Lahire. As entrevistas foram realizadas, uma por Marion Rousset, e publicada no site Marianne, em 31 de janeiro de 2021, e outra por Sonya Faure, e publicada no Libération, em 6 de janeiro de 2021.

O *paper* se estrutura em três partes, além desta introdução e de algumas considerações finais. Na primeira parte visa situar as Ciências Sociais como interessadas nos sonhos. Na segunda, são apresentados aspectos que delimitam os sonhos como um fenômeno social. Por fim, da terceira parte, são apresentados alguns dos relatos de pesquisa e interpretações presentes no segundo volume da obra “L’interprétation sociologique des rêves”.

1 As Ciências Sociais e os Sonhos

[Os sociólogos, até agora, se interessaram pouco pelos sonhos] porque já estavam presos pela psicanálise! Entrar no campo dessa disciplina é bastante assustador, especialmente na França. Durante uma residência em Berkeley, nos Estados Unidos, em 1997, achei formidável que os sociólogos americanos tivessem se dedicado ao estudo dos sonhos. Lá, eles mantêm uma relação muito mais descontraída com Freud e a psicanálise. Para muitos pesquisadores em ciências sociais, o sonho não é um objeto para sociólogos. A disciplina foi inicialmente construída como a ciência dos grupos e das instituições, dos coletivos. O sonho, o íntimo, o individual, nós o deixamos de bom grado para os psiquiatras. Mas a Sociologia aproximou-se progressivamente dos indivíduos, para mostrar como eles incorporam as restrições sociais. Ela ampliou esses campos de reflexão se interessando pelas crianças, pelos artistas e o processo criativo... Mas ela só se interessou pela nossa vida desperta, enquanto o sono representa um terço de nossas existências.

Frantz Fanon (1925-1961), grande figura do anticolonialismo, mas também psiquiatra, mostrou como a questão colonial se repercutia nos sonhos dos pacientes. Estudar os sonhos pode ultrapassar a terapêutica individual e permite compreender os problemas de ordem sociais que tocam a estruturação das famílias, as relações de sexo, de classe, de nação, etc. Em seu documentário *Rêver sous le capitalisme* (2017), Sophie Bruneau mostrou como o trabalho assombrava, pela sua brutalidade, os sonhos dos trabalhadores. Ao buscar esclarecer as problemáticas existenciais em função da classe social ou do gênero, da afiliação religiosa ou étnica, a Sociologia pode renovar o conhecimento das estruturas sociais. Ela possibilita ver todos os pontos nevrálgicos que fazem sofrer e obsedam as pessoas em função de sua condição de existência e de sua trajetória de vida. E também pode ser de interesse central para uma Sociologia da saúde mental em pleno desenvolvimento.

Os sonhos colocam a questão da incorporação das estruturas do mundo social que Bourdieu evocou, mas que ele nunca estudou. Desde muito tempo, procuro compreender como somos feitos, individualmente, de determinismos sociais. Isso me fascina. Lembro-me de ter lido com paixão *Marxisme et personnalité*, de Lucien Sève, ou o *Marxisme et philosophie du langage*, de Mikhaïl Bakhtine, dois pensadores que se questionaram na interseção do social e do psíquico. Em *La Reproduction*, Bourdieu e Passeron (1970) citaram o grande psicólogo russo Vygotsky. Essa tentativa de apreensão do que é um indivíduo do ponto de vista sociológico é por mim estimada. Está no cerne de *L'Homme pluriel* (LAHIRE, 1988), *Portraits sociologiques* (LAHIRE, 2002), *La Culture des individus* (LAHIRE, 2014)... até o trabalho sobre Kafka (LAHIRE, 2018) que já me conduziu a formular a hipótese de um problema existencial - mesmo que isso soasse de maneira muito bizarra em minha mente.

2 Os sonhos como fenômeno social

Trabalhar com os sonhos é uma boa maneira de fazer algo a respeito. Os problemas pessoais que se exprimem aí traduzem uma relação com o dinheiro, a escola, a cultura, o poder, os homens, as mulheres... Questionam o lugar que os indivíduos ocupam nas estruturas, nas instituições, nos grupos que frequentam. Por sua vez, é muito geral e muito íntimo. À noite, essas questões amadurecem no cérebro

de quem está dormindo, que as faz mover em todas as direções para tentar encontrar uma solução. Mais uma prova de que estamos no caminho errado ao querer opor liberdade e determinismo: se os pensamentos que surgem durante o sono testemunham os determinismos sociais, eles também são tentativas de resolver o problema.

Quando um pesquisador faz uma investigação, sempre há pessoas que ele ama, outras que o incomodam. Geralmente ele não se detém nisso. Mas lá, eu vi pessoas entre 11h e 61h em um ano no mínimo, senão dois. Elas não são entrevistadas comuns, já que estou sempre em contato com elas. Portanto, expressei subjetivamente o tipo de relação que tinha com elas. Com as mais jovens, uma relação pai-filho, pai-filha, professor-aluno. Quanto a Gérard, que é mais velho do que eu, era mais um tipo de irmão mais velho. Todas essas pessoas me deram muito do seu tempo, era muito exigente, então, se não tivéssemos sido coniventes, elas nunca me teriam confiado coisas também íntimas.

A vida de todos os dias se sobrepõe ao nosso passado. No mesmo sonho, vamos encontrar alguém que conhecemos recentemente e uma conhecida que surgiu do nada, um colega de trabalho ou uma camarada de colégio de quem não tínhamos ouvido falar há 20 anos. Há frequentemente entre eles analogias, pontos comuns, de modo que chegamos a recompor um universo mental muito estruturado. É o mesmo na vida desperta, onde, sem que se perceba, o passado vem guiar a percepção que se pode ter de uma pessoa. Se um homem nos parece muito próximo de outros homens que conhecemos e que nos fizeram mal, teremos tendência a vê-lo como perigoso. "Lydia" foi tocada por um primo. No começo, isso não lhe parecia tão importante, mas ela se deu conta de que só sonhava com isso. E, de repente, ela veio a se interrogar sobre o seu status de solteira aos 38 anos. Tão pronto tudo estivesse indo muito bem com um homem, ela se governava para que não desse certo. Lydia, que se via como uma mulher livre e independente, de repente, descobre que, o que ela tomava como uma escolha, não era e que o passado influencia permanentemente seus relacionamentos atuais. O sonho nos força a ver o que fazemos na vida cotidiana, mas do qual não temos consciência.

[A repetição nos sonhos de alguns aspectos] é próprio a todos os elementos da vida cotidiana que desempenham papéis muito diferentes. Poder-se-ia dizer a mesma

coisa da vestimenta que é um objeto socialmente classificatório e que pode referir-se à aparência, ao que é fútil.

O sonho incendeia tudo para estruturar o pensamento, inclusive por convocação de séries de TV, quadrinhos, filmes... Um pesquisador apontou a onipresença do carro nos sonhos dos americanos. Esse objeto que está no centro de sua cultura tornou-se um mito que pode ser investido de numerosos significados: isso pode ser tanto o símbolo de um poder quanto a expressão de um sentimento de liberdade.

Contrariamente à expressão corrente que põe o sonho ao lado do prazer ("eu sonho ser rico"), o sonhador passa mais as suas noites tentando resolver problemas. Isso não foi *in totum* formulado assim por Freud, que vê os sonhos como a expressão de desejos insatisfeitos. Eu analisei centenas de sonhos tidos por treze pessoas ao longo de um ou dois anos. Uma delas até me confiou o arquivo onde havia registrado os seus sonhos durante trinta anos. É surpreendente de ver a que ponto sonhamos noite após noite com as mesmas coisas, com as preocupações existenciais recorrentes que nos aparecem sob formas muito diferentes. Como se estivéssemos quase obsessivamente repetindo uma situação para vê-la sob ângulos diversos. A escola e a competição escolar, as violências parentais, os imperativos religiosos, o abandono de um pai, a falta de reconhecimento ou de amor... Esses problemas não resolvidos que nos assombram com frequência se cristalizaram cedo em nossas existências e se enriqueceram com novas preocupações por meio de nossas experiências ao longo de nossa vida. Eles são específicos a cada indivíduo, mas também próprios a toda uma categoria de pessoas, porque estão ligados às estruturas da nossa vida social. Fiquei, então, surpreso ao ver a que ponto a questão da dominação masculina estava presente nos sonhos das mulheres, que ela se manifesta pela onipresença de um pai dominador, pelo reencontro das mesmas experiências sentimentais infelizes ou, frequentemente, pela rememoração de relacionamentos sofridos.

É preciso paradoxalmente passar pelo sonho, de aparência tão estranha e irracional, para revelar melhor os mecanismos que ditam a vida desperta. O sonho não é o momento da exceção. Ainda acreditamos, com muita frequência, no mito de nossa superioridade consciente, racional e intencional. Acreditamos sempre ser

mestres de tudo o que fazemos. Mas de modo algum: o sonho força-nos a ver a parte dos mecanismos inconscientes de nossas vidas despertas.

Cada vez que encontramos alguém, na realidade, não encontramos somente essa pessoa. Sobreponemos a ela todas as pessoas que conhecemos no passado e que se parecem com ela ou que inconscientemente evocam as nossas preocupações existenciais. Exatamente como quando o sonho põe no mesmo lugar personagens que, a priori, nada têm a ver ali ou quando condensa indivíduos diferentes. Exceto que, na vida desperta, você não suspeita disso. E, então, de certa forma, estamos mais lúcidos em nossos sonhos.

A vida onírica, por não se embarçar com censuras, dá acesso a uma forma de verdade sobre o que nos “trabalha”. A cada noite, os sonhadores veem as coisas que não se ousam dizer, as coisas que os embarçam na sua vida cotidiana. Esse saber não lhes está mais acessível quando acordam. Mas essa lucidez pode ser reconquistada pela interpretação dos sonhos.

3 Uma interpretação social dos sonhos

Os sonhos são aparentemente confusos, mas, na verdade, de uma coerência diabólica. Passada uma primeira leitura pouco límpida, eles dizem claramente qual é o problema. Os indivíduos são confrontados com tais urgências no cotidiano que eles não voltam, durante a vigília, aos pequenos momentos de desconforto, vergonha, humilhação que sentiram... Mas esses pequenos momentos, o sonho dramatiza-os, exagera-os. A menor percepção ou intuição vivida durante o dia, alguém que não "sentimos" totalmente, por exemplo, adquire todo o seu sentido. Não há mais direto do que um sonho! Nenhuma censura vem deformar os pensamentos que trabalham durante o sono, ao contrário do que Freud acreditava. Os desejos sexuais podem se exprimir de maneira muito frontal como em "Clement", um jovem psiquiatra hipercontrolado na vida, que adormecia com toda a sua família e muitos amigos em seus sonhos. Paradoxalmente, essas imagens diretas não interessaram a Freud porque estorvavam a sua tese da censura. A interpretação que lhes fazem as ciências humanas e sociais dá acesso a uma verdade subjetiva sobre o que somos, o que vivemos, o que nos faz sofrer, os problemas que encontramos.

Solicito às pessoas que me contem um sonho, mas também que elas me deem detalhes sobre o que vivenciaram na véspera, as emoções que sentiram durante o sonho, façam perguntas biográficas sobre seu curso. A seguir, retomo os seus relatos da noite, ponto por ponto, elemento por elemento. As pessoas, os objetos, os lugares, às vezes as cores... Nada é deixado ao acaso. Um pouco como Sherlock Holmes, após um tempo chego a compreender, mas para isso é necessário primeiro levantar muitos implícitos. Porque a linguagem dos sonhos é tecida com metáforas visuais: se alguém diz a si mesmo que está na merda, pode se ver em um banho de excremento, após um rompimento amoroso podemos ver um objeto se quebrar, uma ponte se romper, uma corda se arrancar. Um barco encalhado pode ser o análogo de um avô recentemente falecido. "Laura" sonha que ele afunda e que, com outras mulheres, ela deve saltar na água. No fundo do mar, ela descobre uma sociedade paralela onde compra livros em uma livraria que se chama A Arca de Noé. Esse lindo sonho fala do mundo de seu avô e do que desaparece com ele. Diz também que esse mundo perdido pode ser salvo graças aos livros. Pensemos na fórmula atribuída ao escritor africano Amadou Hampatê Bâ: "Quando um velho morre, é toda uma biblioteca que incendeia". Tenho o mesmo prazer em compreender o sentido dos sonhos que, a princípio, parecem confusos, que um físico que, diante da complexidade do universo, descobre as leis que estruturam o conjunto.

Muitos sonhos estão repletos de imagens de altos e baixos: a partir de cenas familiares que acontecem em porões e outros subsolos, o entrevistado pode reencontrar impulsionado ao último andar de um imóvel ou para um camarote de um teatro. Se está tão presente, é porque nossas sociedades hierárquicas são muito "verticais". O sonho expressa os problemas pessoais que são, de fato, uma caixa de ressonância dos problemas sociais. As relações de dominação entram nele pelas dificuldades que põem aos indivíduos ou os sofrimentos que elas engendram. É raro que uma mulher vítima da dominação masculina, e que é a presa de homens predadores ou insistentes, seja muito feliz!

Contamos frequentemente os sonhos que temos como realidades estrangeiras a nós mesmos. Eles parecem-nos absurdos, incongruentes. Eles são, ao contrário, tão lógicos quanto uma equação matemática. Sobre as razões da bizarrice estranha do sonho, estou em total desacordo com Freud. Segundo ele, se um sonho é confuso,

incompreensível à primeira leitura, é porque contorna a censura: o sonhador buscaria permanentemente embaralhar a mensagem. Para compreendê-la, seria necessário “quebrar” o código estabelecido para escapar à censura. Penso, ao contrário, que não há nada mais “livre” de toda censura do que o sonho. Ele é sem dúvida o espaço de expressão mais franco, mais direto, mais rendável. Só que sua linguagem é muito implícita, feita de evocações, símbolos; ele apenas nos faz ver algumas peças de um grande quebra-cabeça. Para ver a imagem completa, é preciso encontrar as peças que faltam que apontam para momentos precisos da trajetória social do sonhador - não somente para as suas pulsões sexuais. No cerne de nosso patrimônio de experiências incorporadas, algumas delas têm sido mais marcantes do que outras e determinam a nossa percepção do mundo, a nossa relação com a realidade e com os outros e, logicamente, com os nossos sonhos.

Através do sonho, nós apenas nos dirigimos a nós mesmos. O implícito é total. Não há necessidade de esforçar-se para contextualizá-lo e explicar o que quer que seja a ninguém além de si mesmo. É esse implícito que torna o sonho tão complicado à apreensão, mesmo para o sonhador, uma vez acordado. O relato onírico funciona muito por analogia, como Freud o compreendeu.

É também acima de tudo visual: lá sentimos poucos odores, vemos as pessoas falando mais do que as ouvimos. O cérebro irá, então, criar metáforas visuais ligadas à língua que é a nossa. “estou no fundo do buraco”? Os sonhos são preenchidos com pessoas literalmente caídas em um buraco. Têm-se “rompido todos os laços” com o seu ex-companheiro? Os sonhos põem em cena uma ponte que se colapsa, uma corda que se solta. O sonhador interpreta as imagens literalmente.

Não há “mistério” nos sonhos, mas é um quebra-cabeça que pode ser reconstruído progressivamente a partir de algumas peças. É só questão de tempo e disponibilidade: trabalhando em uma série de sonhos durante um ou dois anos, pode-se acabar identificando os esquemas recorrentes, sob aparências muito diversificadas.

[Em entrevista e diante do choro de quem me contava seus sonhos] fiz o que podia com minhas qualidades humanas. Dei um lenço, disse que poderia para parar um momento, desarmeí às vezes com um toque de humor... Meu ofício de sociólogo não me prepara para fazer chorar as pessoas! A entrevista pode ter efeitos terapêuticos, como quando se confia a um amigo que o ouve durante várias

horas. Isso faz bem. Diferentemente de Freud, não estou aqui para curar as pessoas, mas para trazer-lhes um conhecimento precioso de si mesmas.

[Não falamos em cura, talvez em emancipação]. Porque quem diz cura diz problema puramente pessoal. Mas os sonhos mostram que estamos lidando com problemas indissociavelmente íntimos e sociais. Frantz Fanon tinha pacientes negros que sonhavam em se tornar brancos porque eles tinham um desejo de ascensão social. Para as pessoas que vivem em um país colonizado que associam a justo título o domínio à branquitude, disse ele, isso era lógico. Fanon explica que não podemos contentar-nos em ajudar os indivíduos. Para regular esse tipo de neurose, é preciso, a seus olhos, travar uma luta política em vista de abolir das relações coloniais. É o mundo social que deve ser transformado, não somente a própria pessoa. Tomar consciência das relações de dominação clama mais por revolução do que por cura.

4 Uma interpretação social dos sonhos

[Tomamos como exemplo de uma das análises a] Laura, uma discreta estudante de 24 anos, de origem operária, que passa à agregação de letras modernas. Seus sonhos estão evidentemente impregnados do estresse dos concursos. Mas não é só isso. Laura é desertora de classe e tem sonhos de desertora de classe. Seus sonhos são assombrados pelas tensões que sente entre seu meio de origem e aquele, mais intelectual e burguês, a que está ascendendo. Ela não se encontra ali totalmente em seu lugar. Ela tem síndrome do impostor. Seus sonhos estão repletos de situações de impedimento: ela não consegue mais ler o nome do grande autor sobre o qual é interrogada, ela comete gafes, faz anotações em livros quando é proibido fazê-las... Sua vida onírica segue catástrofe sobre catástrofe. Ela diz frequentemente quando descreve seus sonhos: “estou em tal lugar. Não sei o que faço ali”. Em um deles, um aparidor² da universidade pergunta aos estudantes se eles querem se maquiar antes de irem ao júri. Laura aceita, mas é colocada em sua face tinta a óleo com cores extravagantes. Ela quer interromper tudo, mas a maquiagem é impossível de remover. Sua vida onírica segue catástrofe sobre catástrofe. Ela diz frequentemente quando descreve seus sonhos: “estou em tal lugar. Não sei o que faço ali”. Em um deles, um aparidor da universidade pergunta aos estudantes se eles querem se maquiar antes de irem ao júri. Laura aceita,

² Na Roma antiga, o aparidor latino designava um agente colocado à disposição de um magistrado romano para vários serviços (lictor, escriba, mensageiro, arauto, etc.). Desde a Idade Média, o portador (aquele que anuncia a entrada de alguém, por exemplo) de um tribunal eclesiástico ou de uma universidade. (Nota do Tradutor)

mas é colocada em sua face tinta a óleo com cores extravagantes. Ela quer interromper tudo, mas a maquiagem é impossível de remover. O aparidor lhe propõe então mergulhar em uma grande piscina dentro da universidade, mas ela então aparecerá encharcada ante o júri... Essas imagens e essas metáforas só são compreensíveis se a pessoa tiver conhecimento da trajetória social da jovem. Elas tornam-se, portanto, perfeitamente lógicas.

Lydie, 38 anos, tem sonhos opressores, repletos de serpentes ou de cães de caça "que a mordem". Lydie e eu conversamos, no todo, sessenta horas sobre seus sonhos e sua interpretação. Parecia que os toques que ela sofrera, quando criança, por parte de um de seus primos, e que lhe parecia "uma anedota entre outras" e sem consequências, estruturou uma grande parte de seus sonhos desde então, como as suas relações com os homens em sua vida de vigília. Nosso passado incorporado nos assombra, coloniza a nossa vida noturna sob imagens muito diversas.

Solal, 21 anos, contou-me um sonho em que as pessoas corriam atrás de um biscoito *petit-beurre*. Nessa caça ao biscoito, Solal tentou ajudar o biscoito. Durante a análise do sonho, ele se lembrou de uma canção que ouvia quando criança e que evocava o racismo (*Le P'tit Beur*, de Rachid, 1986). Seu sonho era, na verdade, composto com o racismo familiar, o de sua mãe.

Outro clássico dos nossos sonhos: uma pessoa metamorfoseia-se, subitamente, em outra. Você pode então ter certeza de que esses dois seres têm uma propriedade em comum aos olhos do sonhador, e associá-los faz toda uma lógica. A associação também pode se operar na base de uma contiguidade, como quando Gérard, 64 anos, que foi, com toda evidência, vítima de estupro quando criança na casa do seu avô, não vê esse homem em seus sonhos, mas revisita permanentemente os objetos e os lugares a ele associados: o celeiro onde ele se enforcou, a fita de flanela que ele usava na cintura...

Recebi 740, que ainda estou longe de tê-los analisados todos. Aquele de Judith me pareceu opressor, tanto que nos lembra que para uma criança os pais são todo-poderosos, e àquele ponto o seu colapso pode ser angustiante. Judith está confinada em um apartamento parisiense de 48 m² com os seus pais e a sua irmãzinha. Seu sonho, recolhido por sua mãe sob seu ditado, é breve: os super-heróis Hércules, Mulher Maravilha e Astro Boy estão na prisão, de mãos amarradas. "Eles não conseguiram sair por causa do vírus. Mas, felizmente, havia Judith, lá, e batemos na cabeça do grande vírus, porque ele era enorme", ela confidenciou.

Durante o confinamento, que eles respeitaram de maneira muito estrita, os pais de Judith foram infectados com Covid-19. Ante o seu pai acamado, Judith perguntou à sua mãe: "por que parece que o papai está em um caixão?" Os super-heróis de seu sonho estão todos associados às pessoas que ela ama. Porém, eles estão amarrados, impedidos, no chão. Durante o confinamento,

Judith viu os seus super-heróis desmaiarem. Seu sonho revelava a sua consternação diante da impotência dos adultos. Mas ele a colocou, também, em posição de agir e de combater o vírus. A lucidez de uma criança de 4 anos é impressionante, quando, com o confinamento, a vida de milhões de pessoas se transformou da noite para o dia em um cotidiano até então desconhecido.

Considerações finais

Algumas pessoas me disseram que o meu livro dava a impressão de que o mundo era infeliz. Sim, todo mundo tem problemas, mesmo aqueles que ganham milhões na loteria! Por que aqueles que ganham um Prêmio Nobel ou um grande prêmio literário às vezes sofrem de depressão, senão por que isso questiona o significado de sua existência e de seu trabalho? Não há sonho anódino, rotineiro, sem asperidades. Freud bem notou que os sonhos exprimem problemas, mas como reduziu-os à sua dimensão sexual, ele perdeu uma miríade de outras realidades.

Fora um bom analista das tensões familiares iniciais observadas sob o prisma da libido, mas a vida não para nos relacionamentos com o pai e a mãe. Ela continua na escola, no trabalho, nas instituições religiosas, culturais... E mesmo quando as questões sexuais se exprimem, elas não são nunca mais que isso. A elas se mesclam diversamente a religião, a moral ou a família. A cultura darbista, na qual “Tom” foi criado, pesava sobre as suas relações sentimentais e sexuais, que foram muito tardias. A existência comporta as dimensões afetivas, culturais, estéticas, políticas, morais... Não se reduz ao desejo sexual! Além disso, devemos ser capazes de agarrar o que se enreda nos sonhos, do contrário, temos os nossos olhos fixos na primeira infância.

Bibliografia

BASTIDE, Roger. *Le rêve, la transe et la folie*. Paris. Flammarion. Nouvelle Bibliothèque Scientifique, 1972.

BOURDIEU Pierre; PASSERON J.-C. *La reproduction*. Éléments pour une théorie du système d'enseignement, Paris, Éds. de Minuit, 1970.

FERNANDES, Florestan. *Folclore e Mudança Social na Cidade de São Paulo*. São Paulo: Anhambi, 1961.

LAHIRE, Bernard. *Franz Kafka: Éléments pour une théorie de la création littéraire*. Paris: editora La Découverte, 2018.

LAHIRE, Bernard. *L'Homme pluriel*. Paris: Nathan, 1988.

LAHIRE, Bernard. *La Culture des individus*. Paris: editora La Découverte, 2014.

LAHIRE, Bernard. *La part rêvée: l'interprétation sociologique des rêves*, volume 2. Paris: editora La Découverte, 2021a.

LAHIRE, Bernard. Nossos sonhos são tão lógicos quanto uma equação. Entrevista realizada por Sonya Faure. *Libération*, 6 de janeiro de 2021c. Disponível em: <https://www.liberation.fr/debats/2021/01/06/nos-reves-sont-aussi-logiques-qu-une-equation_1810492/>. Acessado em: 01 fev. 2021c.

LAHIRE, Bernard. O que os sonhos trazem para a sociologia. Entrevista realizada por Marion Rousset. *Marianne*, 31 de janeiro de 2021b. Disponível em: <<https://www.marianne.net/agora/entretiens-et-debats/ce-que-les-reves-apportent-a-la-sociologie>>. Acessado em: 01 fev. 2021b.

LAHIRE, Bernard. *Portraits sociologiques: dispositions et variations individuelles*. Paris: Nathan, 2002.

MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Recebido em: 07 fev.2021.

Aceito em: 11 de fev. 2021.